

O TESTEMUNHO DE UM DOS HOMOSSEXUAIS ESQUECIDOS DA MEMÓRIA

Tiago Elídio - UNICAMP

RESUMO: Este artigo aborda a autobiografia *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (“Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”, sem tradução para o português), testemunho de um francês homossexual que falou abertamente sobre sua experiência de deportado durante a Segunda Guerra Mundial e de prisioneiro de campo de concentração nazista. Utilizando como embasamento teórico a Teoria do Testemunho, que estuda os diversos tipos de narrativas testemunhais sobre situação de violência e eventos limites, o foco desse trabalho é observar as questões referentes a esse tipo de produção do ponto de vista de um homossexual. Além disso, busca-se elucidar as razões que levaram os sobreviventes homossexuais a ficarem fadados por tanto tempo ao esquecimento da história oficial.

Palavras-chave: Nazismo, Homossexualidade, Testemunho, Autobiografia

ABSTRACT: This paper examines the autobiography *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (I, Pierre Seel, Deported Homosexual), testimony of a gay French who openly speak about his experience of deportation during the Second World War and prisoner of a Nazi concentration camp. Using as a theoretical basis the Theory of Testimony, which studies the different types of witness narratives about events and situations of extreme violence, the focus of this work is to observe the issues relating to this type of production from the point of view of a homosexual. Furthermore, we attempt to elucidate the reasons why the gay survivors remained forgotten for so long at the official history.

Keywords: Nazism, Homosexuality, Testimony, Autobiographie

O século XX foi um período marcado por grandes catástrofes e genocídios, sendo um dos mais conhecidos a morte de milhares de pessoas pelo regime nazista. Porém, não foram somente os judeus as únicas vítimas desse evento. Outros grupos também foram, entre eles os homossexuais, que estiveram por muito tempo fadados ao esquecimento. Uma das razões de tal situação é que, após o término da Segunda Guerra Mundial, muitas das narrativas testemunhais sobre o período de perseguição e extermínio nazista foram feitas prioritariamente pelos judeus. Isso trouxe como consequência a grande visibilidade deles como vítimas, e o fato de terem sido vistos por muitos como as *únicas* vítimas.

Os homossexuais, após a guerra, ainda eram mal-vistos e estigmatizados pela sociedade. Muitos diziam, inclusive, que os nazistas haviam agido corretamente frente a esse grupo. Houve, portanto, logo após o final da guerra, a impossibilidade dessas pessoas prestarem seu depoimento, escreverem suas memórias, e contarem, enfim, o que haviam passado, inclusive pelo fato de ainda existirem leis anti-homossexuais em vigor. No caso da França, uma lei que havia sido promulgada em 1942, pelo governo Vichy, reinscrevia no Código Napoleônico, entre os “delitos” sexuais, as relações entre pessoas do mesmo sexo como uma incriminação agravante. Isso depois de um século e meio de tolerância social, pois, na França, não havia algo na lei como o Parágrafo 175 alemão.

Assim, após o final da guerra, tais leis continuaram a existir por muito tempo. Como afirma o filósofo francês Didier Eribon (2008), os anos cinquenta e sessenta (e, primeiramente, os anos

quarenta e o período da guerra) tinham jogado a subcultura homossexual numa clandestinidade mais rigorosa que nos anos vinte e trinta. Segundo o filósofo, a repressão havia se tornado muito mais intensa que nos anos anteriores à guerra. Na França, em 1960, o parlamento votou numa emenda para definir a homossexualidade como um “flagelo social” (“*fléau social*”), ao lado do alcoolismo e da prostituição. Somente em 1982, a lei foi revogada e a homossexualidade deixou de ser ilegal na França. Na Alemanha, isso se deu um pouco mais cedo. O Parágrafo 175, do código penal alemão, que condenava atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo e existia desde 1871, continuou em vigor no lado oriental até 1967, e, no lado ocidental, até 1969. Foi através desse artigo de lei que os nazistas perseguiram e assassinaram os homossexuais na Alemanha e nos territórios anexados, como a região francesa da Alsácia.

Dessa forma, os homossexuais ficaram fadados ao esquecimento por um longo período, até que, depois que essas leis anti-homossexuais foram revogadas e os movimentos homossexuais se emanciparam, alguns homossexuais criaram a coragem de testemunhar o que havia acontecido com eles, como fez Pierre Seel, sobrevivente homossexual francês do campo de Schirmeck-Vorbrück, em solo francês, na região da Alsácia. Sua autobiografia pode ser vista, portanto, como um duplo testemunho. Primeiramente, pela questão das situações extremas vividas durante seu encarceramento e deportação, a exemplo dos outros testemunhos existentes. Porém, sua narrativa vai além, pois é um testemunho não somente sobre o nazismo, como também da dificuldade de reconhecimento dos homossexuais como perseguidos, e do preconceito enfrentado por eles.

A denúncia...

Uma característica extremamente relevante das narrativas de testemunho é que elas existem apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. “A verdade e a utilidade são, portanto, fundamentais.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88). Busca-se um registro da história, da opressão, e há uma simbiose entre memória e história. Relatar o que aconteceu para mostrar a crueldade, cobrar justiça, e impedir que eventos como esses se repitam. Esse é um dos principais motivos que levaram Pierre Seel a contar sua história, como narra na passagem a seguir, quando comenta sobre o bispo de Estrasburgo, que considerou a homossexualidade como sendo uma enfermidade:

Eu, ao ouvir o discurso desse bispo da minha terra natal, me dirigi à minha cama. *Assustado, aterrotizado, indignado*. Os homossexuais, doentes? Eu tinha que reagir. A cólera me submergia. Era preciso acabar para sempre com tais discursos. E para isso, *testemunhar, dizer tudo, exigir reabilitação do meu passado, desse passado que é também o de muitos outros, esquecidos, ocultos nas horas negras da Europa. Testemunhar para proteger o futuro, testemunhar para acabar com a amnésia dos meus contemporâneos*. Romper de uma vez por todas meu anonimato: fazer uma carta aberta ao monsenhor Elchinger. (SEEL, 1994, p. 156-157, tradução e grifos meus)

Vemos, portanto, que Seel busca testemunhar para proteger o futuro, para evitar a proliferação de discursos como esse. Afinal, foi por causa de afirmações como essa que os homossexuais foram exterminados durante o nazismo. Seel acreditava que, se continuasse calado, discursos como esses continuariam e a possibilidade de novos assassinatos ocorrerem seria muito grande. Porém, apesar de seu esforço, não obteve sucesso com o processo que abriu contra o bispo, como narra logo a seguir:

O tribunal decidiu em seu favor: "As declarações reportadas não visaram nenhuma pessoa nomeadamente designada ou nomeadamente identificável." *Teriam feito o mesmo se se tratasse de declarações antissemitas? Mas a lei não contempla a homofobia.* (SEEL, 1994, p. 157, tradução e grifos meus).

Aqui, mais uma vez, vemos a comparação com os judeus, pois afirma que se discursos semelhantes abordassem esse grupo, as consequências não seriam as mesmas. Provavelmente não perderiam o processo, como aconteceu. Assim, vemos que o fator de rebaixamento dado aos homossexuais como vítimas do nazismo é outro ponto muito forte de sua denúncia. É tanto uma denúncia do passado de barbárie nazista, quanto do presente de silenciamento e esquecimento dos homossexuais também como vítimas.

Escritas da violência...

Não é possível tratar de um tema como esse, portanto, sem abordar a questão da violência sofrida, pois "essa ética e estética da literatura de testemunho possui o corpo – a dor – como um dos seus alicerces." (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 111). Na autobiografia de Pierre Seel, observamos essa temática perpassar toda sua obra, com alguns trechos mais sangrentos, como o das torturas que sofreu dos algozes nazistas, como podemos ver na passagem a seguir:

A engrenagem de violência se acelerou. Irritados com nossa resistência, os SS começaram a arrancar as unhas de alguns de nós. Com raiva, eles romperam as réguas sob as quais nós estávamos ajoelhados e se serviram delas para nos violar. Nossos intestinos foram perfurados. O sangue salpicava por todo lado. Eu ainda escuto nossos atrozes gritos de dor. (SEEL, 1994, p. 39, tradução e grifos meus).

Os nazistas, portanto, faziam uso da tortura para tentar descobrir outros homossexuais que ainda não haviam sido capturados. Seel narra também como foi o tempo em que esteve no campo de concentração e tudo o que foi obrigado a suportar.

Eu vivi seis meses desse jeito, nesse espaço onde *o horror e a selvageria eram a lei*. Mas eu demoro a evocar a provação que foi a pior para mim, embora ela tenha se passado nas primeiras semanas do meu encarceramento nesse campo. Ela contribuiu mais que tudo a fazer de mim essa sombra obediente e silenciosa entre os outros." (SEEL, 1994, p. 58, tradução e grifos meus).

Essa provação que menciona Seel é a de uma cena muito forte de violência no campo, quando Jo, seu antigo amor, foi brutalmente assassinado na frente de todos, inclusive na sua. Portanto, além de perder objetos e hábitos cotidianos, imaginemos a situação de Pierre Seel, a de não somente perder algum objeto do ser amado, mas de perder o próprio ser amado, e de assistir a ele sendo assassinado, da forma mais cruel. Isso tudo leva ao vazio e ao fundo do poço. Tais situações trazem, portanto, consequências para a vida toda. Seel, logo após narrar esse momento doloroso, desloca sua narrativa do passado no campo para o seu presente, relatando os resultados que momentos como esse acarretaram em sua vida:

Desde então, ainda me acontece frequentemente de acordar a noite aos gritos. Há mais de cinquenta anos, essa cena passa diante dos meus olhos. Eu não me esquecerei jamais desse assassinato bárbaro do meu amor, pois nós fomos centenas a testemunhar. Por que todos se calam ainda hoje? Já estão

todos mortos? É verdade que nós estávamos entre os mais jovens do campo, e que muito tempo se passou. Mas eu acredito que alguns preferem se calar para sempre, temendo despertar lembranças atroz, como esta, entre outras. (SEEL, 1994, p. 60, tradução minha)

Podemos observar que a violência foi tanta que, não somente o corpo físico foi afetado, mas principalmente o lado psíquico. Isso não somente após o campo, mas ainda quando estava nele. Seligmann-Silva afirma que, “na literatura de testemunho de um modo geral é frequente a concepção do campo como constituindo a ‘única realidade’ e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 110). A única realidade vivida era a das atrocidades programadas pelos SS:

O ritmo infernal do campo, feito de jornadas repetitivas pontuadas de humilhações incessantes, instalou-se por muito tempo em meu corpo, em minha cabeça. Nada se passava além do ciclo cotidiano de atrocidades tranquilamente programadas pelos SS” (SEEL, 1994, p. 61, tradução minha).

Muito importante também em seu relato, que o diferencia de outros testemunhos referentes ao nazismo, é sobre o estigma que os homossexuais sofriam perante os outros prisioneiros. A falta de solidariedade por si só já era uma forma de violência muito forte, como discorreu Primo Levi:

Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos especiais, não existiam; existiam, ao contrário, *mil mônadas impermeáveis* e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. Esta revelação brusca, que se manifestava desde as primeiras horas de cativeiro, muitas vezes sob a forma imediata de uma *agressão concêntrica* por parte daqueles em que se esperava encontrar os futuros aliados, *era tão dura que logo derrubava a capacidade de resistir. Para muitos foi mortal, indiretamente ou até diretamente: é difícil defender-se de um golpe para o qual não se está esperando.* (LEVI, 2004, p. 32-33, grifos meus)

No entanto, apesar das dificuldades, algumas redes se formavam, de acordo com certas afinidades que existiam, como afirma Seel:

Os acampamentos eram constituídos por redes, segundo afinidades diversas, políticas, às vezes, o que diminuía um pouco o isolamento e a dureza do cotidiano. Eu não fazia parte de nenhuma desses grupos de solidariedade. Com minha faixa azul, rapidamente compreendida por meus companheiros de infortúnio, eu tinha consciência de que eu não tinha nada a esperar deles: *o delito sexual é uma carga suplementar na identidade carcerária.* Eu pude verificar isso mais tarde, quando passei um tempo visitando uma prisão em Rouen. *No universo dos detentos, eu era um elemento completamente desprezível, uma minúcia ameaçada de ser sacrificada a todo o momento, sem alma, segundo as exigências aleatórias dos nossos carcerários.* (SEEL, 1994, p. 51-52, tradução e grifos meus)

Observa-se, portanto, que essas redes de solidariedade não se davam, de fato, com os homossexuais. Jean Le Bitoux (2002) ressalta que a grande diversidade de presos homossexuais, tanto de gerações, quanto de percursos, quanto de meios sociais, gerava uma falta de solidariedade entre eles e falta de autodefesa coletiva, como o que ocorreu espontaneamente entre as famílias polonesas, ciganas ou judias. Eram, dessa forma, os mais solitários no campo. O “delito” homossexual era uma carga suplementar, como afirma Pierre Seel. Dessa forma, os homossexuais,

sim, eram verdadeiras “mônadas impermeáveis”. Como também afirma Levi, “a capacidade humana de cavar-se uma toca, de criar uma casca, de erguer ao redor de si uma tênue barreira defensiva, ainda que em circunstâncias aparentemente desesperadas, é espantosa e mereceria um estudo profundo” (LEVI, 1988, p. 56). Seel, para se defender e sobreviver, criou essa barreira defensiva se isolando dos demais:

Estando entre os mais jovens do campo, eu temia que a atenção se focalizasse em mim. Por isso, entre as pausas do trabalho, *eu me esforçava para não falar com ninguém e me fechava numa solidão desesperada pela qual não atravessava nenhum desejo sexual*. A própria ideia de desejo não tinha lugar nenhum nesse espaço. *Um fantasma não possui nem fantasia, nem sexualidade*. (SEEL, 1994, p. 54, tradução e grifos meus).

Como consequência de toda essa violência, percebemos em Pierre Seel a “síndrome do sobrevivente”, termo usado por W. G. Niederland para representar a seguinte situação:

situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, ‘automatização do ego’, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído. (NIEDERLAND *apud* SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 68).

Após retornar do campo de concentração, Pierre Seel passou por esse estado vegetativo, de letargia, como podemos observar na passagem a seguir:

Eu recuperei meu quarto, meus livros, meus objetos. De uma identidade distante. De antes de minha destruição. Entre os lençóis sedosos de minha cama, no calor ideal, *eu me senti horrivelmente oprimido*. *Eu só consegui dormir no tapete. À noite, tomado de uma fome do cão medonha, eu atacava a despensa*. Minha família resolveu colocar cadeados em todos os armários que continham comida. *Meus gritos noturnos, ao sair de pesadelos, acordavam frequentemente a casa toda*. Os médicos vieram tratar minha disenteria. (SEEL, 1994, p. 66, tradução e grifos meus).

Vemos que, após passar pela experiência do vazio e do fundo do poço, é difícil voltar a deitar numa cama macia e quente sem se sentir oprimido. Dessa forma, só conseguiu dormir no chão. Além disso, os pesadelos e o desespero da fome também foram recorrentes. Após seu retorno da guerra, também observamos muito sintomas:

Um fantasma eu me tornei e um fantasma eu permanecia: não devia ainda ter tomado consciência de que eu continuava vivo. À noite, me visitavam pesadelos e durante o dia eu praticava o silêncio. *Eu queria esquecer todos os detalhes e todos os terrores dos quatro anos que eu acabava de viver*. *Estava totalmente exausto por meus múltiplos enfrentamentos com a morte e constatava dolorosamente a impotência que eu havia sentido ante a morte dos outros*. *Uma tristeza imensa havia se apossado de mim*. *E eu não tinha desejo algum*. (SEEL, 1994, p. 113, tradução e grifos meus).

Descreve-se, portanto, como um fantasma, exausto, imerso na tristeza e no silêncio.

Vergonha...

Outro sentimento muito presente após experiências como essas é o da vergonha. Primo Levi,

em *Os afogados e os sobreviventes*, em um capítulo intitulado “A Vergonha”, afirma que é um fato verídico e confirmado por numerosos depoimentos que muitos sobreviventes, inclusive ele, tenham experimentado a “vergonha” e um sentimento de culpa durante o confinamento e depois. “O sentimento de vergonha ou de culpa que coincidia com a liberdade reconquistada era fortemente complexo: continha em si elementos diferentes, e em proporções diferentes para cada indivíduo singular.” (LEVI, 2004, p. 65). Uma explicação que formula é a seguinte:

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço para pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado. Suportáramos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos do que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubáramos. (LEVI, 2004, p. 65)

Alguns tiveram até que matar, como foi o caso de Seel. Ademais, no caso dos homossexuais, havia a vergonha por causa da homossexualidade, que gerava esse forte estigma. Michael Pollak afirma que “o estigma condena a maioria ao silêncio e a uma gestão solitária de sua identidade” (POLLAK, 1991, p.16), que foi justamente o que aconteceu com Pierre Seel. Em sua autobiografia, inclusive, há um capítulo cujo título é “Os Anos de Vergonha”, em que narra esse período em que reinaram o medo e o silêncio.

Medo e silêncio....

Depois de sua libertação do campo de concentração, a caminho de casa, Seel pensava na reação de sua família:

Os rumores de batidas policiais de homossexuais deviam ter circulado a cidade. E desde que eu a havia deixado, minha família havia se informado de que eu era um "Schweinhund". Católicos e preocupados com sua boa reputação, como meus pais iriam reagir? Iriam eles me acolher ou não? E como? Mas o que lhes explicar, como me explicar, já que eu estava obrigado a fazer silêncio? Eu me dizia que provavelmente a família toda se alinharia com a atitude de meu pai. (SEEL, 1994, p. 65, tradução minha)

Podemos observar nesse trecho uma certa apreensão, insegurança e medo sobre como reagiriam os membros de sua família frente à sua homossexualidade. Afinal, eles haviam descoberto através dos nazistas, e não da boca do próprio Seel. Seel conta logo em seguida como se deu de fato sua chegada:

Minha família estava jantando. Meu pai se levantou da mesa. Enquanto eu avançava, ele tirou seu relógio de ouro do bolso do seu colete e o estendeu a mim dizendo: "Aqui está, meu filho, meu presente de boas-vindas. Tome um lugar entre nós. Não falemos mais. E depois você irá descansar." A governanta acrescentou um assento e um talher. Eu pude me sentar entre os meus. A comida se seguiu em silêncio. Do outro lado da mesa, eu percebi minha mãe que procurava conter suas lágrimas. Ninguém rompeu o silêncio. (SEEL, 1994, p. 65, tradução minha)

Podemos observar uma recepção fria, onde imperava o silêncio. Além disso, narra como de

fato se sentiu ao se deparar com sua família. “Quando cheguei em casa, eu parecia um estrangeiro” (SEEL, 1994, p. 65, tradução minha). Estrangeiro, aquele que é diferente, que vem de um outro lugar, que não pertence a um grupo, a uma cidade, a uma família. Aquele que não compartilha os mesmos signos, não é familiar, conhecido. Estranho. Era assim que se sentia. E foi aí que começou seu silenciamento.

Um duplo segredo acabava de se selar de uma só vez: o do horror nazista e o da vergonha de minha homossexualidade. De vez em quando, um olhar caía sobre mim, cheio de interrogações sobre meu aspecto famélico. Em que eu havia me transformado em seis meses? Eu era, portanto, homossexual? Que me haviam feito passar os nazistas? Por que haviam me libertado? Essas questões naturais, ninguém as colocava. Mas se alguém tivesse feito, eu não teria respondido: eu estava preso ao meu duplo segredo. E a esses olhares silenciosos, eu levei quarenta anos para responder. (SEEL, 1994, p. 66, tradução e grifos meus).

Na esfera privada, temos a família como grande impositora do silêncio. Em sua narração, Seel observa:

O pacto de silêncio imposto pelo meu pai na volta do campo de Schirmeck, em relação à minha homossexualidade, continuava a ser lei na minha família: nenhuma confidência da minha parte, nenhuma pergunta da deles. Nós todos fazíamos como se nada tivesse acontecido. Mas minha etiqueta de homossexual girava em torno da minha família. Na casa dos mais raivosos ou dos mais sensíveis à imagem pública, minha "reintegração" familiar incomodava. (SEEL, 1994, p. 116, tradução minha).

Porém, pode-se pensar que esse âmbito apenas refletia o silêncio imposto pela esfera pública, com o qual Seel também se deparou. Um grande fator que contribuiu para isso foi a questão das leis contra relações entre pessoas do mesmo sexo ainda estarem em vigor, como vimos. Portanto, as vítimas homossexuais se sentiam inseguras para contar suas verdadeiras histórias, por medo do estigma e de possíveis ações legais, e, assim, omitiam-nas, ou mesmo mentiam. O testemunho dos homossexuais era, portanto, socialmente inaudível, impossível e perigoso. Assim, relata Seel:

Tendo conhecimento da existência dessa lei, eu compreendi também que ao falar, eu corria o risco de ser ameaçado do lado dos tribunais, e acusado de fazer apologia de uma sexualidade "contra-natureza". (...) Eu me isolei, portanto. (SEEL, 1994, p. 115, tradução minha).

Como mostra Gerard Koskovich, muitos homossexuais foram enviados ao sistema penitenciário tradicional após a guerra, pois muitos acreditavam que os nazistas estavam certo no tratamento que deram a eles, pois se tratavam, sim, de delinquentes. Na Alemanha Ocidental, por exemplo, entre 1949 e 1969, mais de cem mil homossexuais alemães foram inquietos ainda pelo Parágrafo 175. O historiador afirma:

Os testemunhos mostram que, em certos casos pelo menos, as forças de ocupação aliadas enviaram os deportados homossexuais ao sistema penitenciário tradicional, considerando-os como delinquentes sexuais que haviam merecido seu castigo por parte dos nazistas e que continuavam a merecê-lo após a Libertação. (KOSKOVICH *apud* LE BITOUX, 2002, p. 151, tradução minha)

Primo Levi (2004) já comentava que, na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi

nem alegre nem despreocupada e coincidia com uma fase de angústia. No caso dos homossexuais mais especificamente, havia também angústia por ser homossexual e não poder contar tudo o que houve de fato. Seel afirma: “Eu já comecei a censurar minhas lembranças e percebi que, apesar das minhas expectativas, apesar de tudo que eu havia imaginado, da emoção do retorno tão esperado, *a verdadeira Libertação era para os outros.*” (SEEL, 1994, p. 110, tradução e grifos meus). Assim, após o fim da guerra, Pierre Seel se isolou, entregando-se à autocensura, ao silêncio e à solidão.

O sobrevivente Primo Levi faz também a seguinte constatação:

Aqueles que experimentam o encarceramento (e, muito mais em geral, todos os indivíduos que atravessaram experiências severas) se dividem em duas categorias bem distintas, com poucas gradações intermediárias: os que calam e os que falam. Ambos obedecem a razões válidas: calam aqueles que experimentam mais profundamente um mal-estar que, para simplificar, chamei de “vergonha”, aqueles que não se sentem em paz consigo mesmos ou cujas feridas ainda doem. Falam, e muitas vezes falam muito, os outros, obedecendo a impulsos diversos. Falam porque, em vários níveis de consciência, percebem no (ainda que já longínquo) encarcereamento o centro de sua vida, o evento que no bem e no mal marcou toda a sua existência. Falam porque sabem ser testemunhas de um processo de dimensão planetária e secular. (LEVI, 2004, p.127)

Vemos, portanto, que Pierre Seel esteve em ambos os lados. À princípio, calou, por sua vergonha e pelo silêncio imposto pela sociedade, pois como acrescenta Levi os sobreviventes falam porque são convidados a fazê-lo, e, como vimos, isso não ocorreu com Seel por um longo tempo, inclusive no âmbito mais privado, pela própria família, exceto com sua mãe. Ele portanto o fez, porém somente quando ela já estava prestes a morrer e levaria consigo seu segredo.

Essa foi a única vez que Pierre foi convidado a falar no âmbito familiar. Isso só iria se repetir muito tempo depois, em um contexto não familiar. Assim, em relação aos homossexuais, podemos perceber dois momentos. Um, logo após a guerra, em que eles não eram passíveis de compaixão por parte dos outros, e dessa forma não eram estimulados a narrar suas histórias, inclusive pois o embaraço que menciona Levi, nesse caso, já estava concentrado na questão sexual, no estigma da homossexualidade desses sobreviventes, um assunto tabu e uma diferença ainda condenada por muitos. Em um outro momento, décadas depois, vemos que essa compreensão começou a surgir, porém de maneira ainda muito tímida. Assim, os homossexuais foram estimulados, por outros homossexuais, a narrar, também pela questão do reconhecimento e do resgate dessa memória que esteve ocultada por muitos anos. E foi nesse contexto que Seel foi convidado a falar e passou para esse outro lado.

Seel narra também como foi a sensação de contar:

Pela primeira vez após quase trinta anos, desde que minha mãe morreu, eu me surpreendi por poder falar. Suas perguntas reavivaram minha memória. Eu falava lentamente, com muito medo de trair minhas lembranças. Para uma coisa, no entanto, eu não consegui encontrar palavras: minha violação pelos nazistas na sede da Gestapo. (SEEL, 1994, p. 153, tradução minha).

Esse trecho faz parte do último capítulo de sua autobiografia, intitulado “O Testemunho Doloroso”. Aqui, vemos outra marca muito importante da literatura de testemunho. A narrativa:

é tecida como uma forma de se ‘libertar’ do passado como também se desdobra como um doloroso exercício de construção da identidade. Ela é

uma narração necessária tanto em termos individuais como também – pensando universalmente – deve funcionar como um testemunho para a posteridade. Ela é um ato subjetivo e objetivo, psicológico e ético. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 114).

Testemunhar foi algo que lhe fez bem, como afirma:

Eu reconheço que tudo isso me tranquilizou. Eu me senti subitamente rodeado de um novo respeito pela minha identidade. E eu mesmo me olhei com mais dignidade. Sem dúvida porque eu tinha desse momento em diante um dever: fazer reconhecer a deportação dos homossexuais. No entanto, eu podia confiar no futuro? Até hoje, em todo caso, dez anos depois, eu ainda não obtive reparação da história. (SEEL, 1994, p. 159, tradução minha).

Houve, portanto, um alívio por ter se livrado desse pesado segredo e uma conseqüente mudança de percepção em relação a si mesmo. Eribon afirma que a questão de de dizer é central na experiência dos homossexuais e essa possibilidade de falar é primeiramente oferecida pelo encontro com outros homossexuais, como de fato se deu com Seel.

Em todo caso, o que caracteriza o homossexual é que ele é alguém que, um dia ou outro, é confrontado com a decisão de dizer o que ele é, ao passo que um heterossexual não precisa fazer isso, já que presumidamente todos os são. A relação com o “segredo” e com a gestão diferenciada desse “segredo” em situações diferentes é uma das características das vidas homossexuais. (ERIBON, 2008, p. 72).

Em relação a Seel, vemos que esse segredo é ainda mais forte, pois não se trata apenas de dizer que é homossexual, mas de dizer que foi perseguido e deportado por esse motivo. E essa escolha individual de revelar o segredo e se fazer só é tornada possível (com raras exceções) pela existência do contexto social e cultural criado pela “cultura gay” e pela possibilidade de “contra-socialização” que ela instaura, afirma Eribon. “A decisão de não mais se esconder, a escolha de si mesmo abrem para uma nova temporalidade: é todo o futuro que se vê mudado” (Eribon, 2008, p. 134), o que é claramente visível com Seel.

Portanto, poder testemunhar mudou definitivamente sua vida. Ele pôde, assim, se livrar desse fardo pesado, seu duplo segredo que guardava há décadas, o de sua homossexualidade e de sua sobrevivência ao nazismo. Dessa forma, além de fazer um bem a si mesmo, também contribuiu a esse coletivo homossexual, trazendo a questão da visibilidade, da memória e do reconhecimento desse grupo, que somente foi reconhecido como vítima do nazismo há alguns anos. O governo alemão pediu desculpas em novembro de 2000 pelas deportações e torturas sofridas por eles. E o estado francês reconheceu somente em abril de 2001 as perseguições que eles enfrentaram durante a Segunda Guerra Mundial.

A autobiografia de Pierre Seel é, deste modo, um importante texto, tanto em termos literários, quanto em termos de documento histórico. Ricoeur afirma que “não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente” (RICOEUR, 2008, p. 156). Seel escreve justamente para dar seu testemunho. Para fazer visíveis as crueldades sofridas pelos homossexuais, recuperando, assim, a memória de um passado de repressão, e buscando o reconhecimento desse grupo, considerado como o mais inferior, pelos nazistas, e por muitas pessoas ainda hoje. E é justamente contra a repetição dessas situações de barbárie que Seel escreveu a história de sua vida.

Bibliografia:

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo, Boitempo, 2008.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008.
- LE BITOUX, Jean. *Les oubliés de la Mémoire*. Paris, Hachette Littératures, 2002.
- LEVI, Primo, *É isto um homem?*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- POLLAK, Michael. *Os Homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo, Estação Liberdade, 1990.
- SEEL, Pierre; LE BITOUX, Jean. *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. Paris, Éditions Calmann-Lévy, 1994.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo, Editora 34, 2005.